

ALVO DEÔNTICO EM EDITORIAIS: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA DA LÍNGUA ESPANHOLA

Nadja Paulino Pessoa Prata

André Silva Oliveira

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, trataremos da categoria linguística *modalidade deôntica* em língua espanhola com base na análise de um dos principais tipos de gêneros textuais utilizados nos meios de comunicação jornalísticos, o editorial. Para isso, realizamos especificamente uma análise do alvo deôntico em relação ao valor deôntico e às formas de expressão neste gênero jornalístico. Os dados para este artigo foram coletados em jornais publicados em língua espanhola, com difusão *on-line*. Para tal finalidade, empregamos a perspectiva funcionalista, tendo em mente de que a *língua funciona como um instrumento de interação social*.

Partindo do pressuposto de que a *modalidade* “constitui uma categoria linguística por meio da qual o falante codifica conteúdos e intenções” (PESSOA, 2011, p. 93), buscamos fazer uma análise do alvo deôntico, que pode ser subdividido em cinco tipos: (i) enunciador (falante), (ii) domínio comum, (iii) coenunciador, (iv) terceira pessoa (instituição, indivíduo) e (v) não especificado/ terceiro ausente. Procuramos verificar a relação existente entre o alvo deôntico e os valores deônticos (obrigação, permissão e proibição) e as formas de expressão (auxiliar, adjetivo, substantivo e verbo pleno).

Em relação à estrutura deste trabalho, ele está composto em quatro partes distintas: (i) as principais características que norteiam a perspectiva funcionalista, pressuposto teórico para nossa investigação; (ii) a definição de modalidade, especificamente modalidade deôntica; (iii) a metodologia de investigação e; (iv) os resultados da pesquisa, tendo em vista o *corpus* que fora constituído para a análise.

1. FUNCIONALISMO: CARACTERÍSTICAS GERAIS

De acordo com Lyons (1981, p. 166), o funcionalismo é caracterizado como uma crença de que a estrutura fonológica, gramatical e semântica das línguas é determinada pelas funções que têm que exercer nas sociedades em que operam. Por isso, de acordo com Martelotta (2011, p. 157), os funcionalistas entendem que a linguagem funcione como um meio de interação social, analisando, dessa forma, a relação existente entre a linguagem e a sociedade. O funcionalismo, a princípio, trata-se de uma corrente linguística

que se ocupa de fazer um estudo entre a estrutural gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas, por isso seu interesse de investigação vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa a motivação necessária para os fatos da língua. Dessa forma, a abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua por meio da análise das condições discursivas em que se verifica esse uso.

Na análise de cunho funcionalista, os textos e enunciados são relacionados às funções que eles desempenham na comunicação interpessoal. Por isso, o funcionalismo opta por trabalhar com dados reais de fala ou escrita extraídos de contextos efetivos de comunicação, excluindo os discursos feitos com frases inventadas, apartadas de sua função no ato de comunicação. Em termos gerais, o modelo funcionalista caracteriza-se por duas propostas básicas: i) a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si e; ii) as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico. Dessa forma, a língua não constitui apenas um conhecimento autônomo, independente do seu comportamento social, mas ao contrario, a língua reflete uma adaptação as diferentes situações comunicativas pelo próprio falante (MARTELOTTA, 2011, p. 158).

O que é mais relevante para os estudos funcionalistas, dentro de uma abordagem linguística, é a *competência comunicativa* dos falantes. Em outras palavras, pode-se defini-la como a maneira que os usuários se comunicam de forma efetiva entre si, pois a linguagem constitui uma atividade cooperativa regida por normas, regras linguísticas e pragmáticas (DIK, 1997). Devido a essa competência comunicativa, pode-se pressupor que os falantes sejam capazes de adequar-se as diversas situações comunicativas, utilizando-se das expressões de modo apropriado, segundo as convenções linguísticas da interação verbal da comunidade da qual fazem parte.

2. MODALIDADE DEÔNTICA

Em relação à ciência Linguística e os seus estudos sobre o conceito de *modalidade*, esta é definida por aquela como uma qualificação do enunciado relacionado ao julgamento que o falante faz sobre a veracidade de uma determinada proposição dita. Halliday (1985) define a modalidade como sendo uma espécie de avaliação que o próprio falante faz acerca da probabilidade ou do grau de evidência daquilo que ele está afirmando. Para Givón (2001), a modalidade codifica a atitude do falante em relação à proposição; enquanto que, para Hengeveld (1988), a modalidade poderia ser definida como todos os meios linguísticos pelos quais um falante pode expressar seu comprometimento em relação com a verdade da proposição.

Em seus estudos acerca da modalidade, Lyons (1977) distingue-a em três tipos: alética, epistêmica e deôntica. A modalidade alética está relacionada à verdade de uma preposição, por isso seu campo de estudo diz respeito à Lógica e, por esse motivo, não teria interesse algum para a Linguística; enquanto que a modalidade epistêmica e deôntica estão constituídas, respectivamente, nos domínios do conhecimento e da conduta, frequentemente, apontados nas diferentes tipologias de modalidade linguística. A modalidade epistêmica está

relacionada ao conhecimento ou crença do falante em relação à verdade de uma preposição; enquanto que a modalidade deôntica está relacionada aos atos realizados por agentes moralmente responsáveis e diz respeito às noções de obrigação e permissão.

Em relação à modalidade deôntica, centro da nossa investigação nesse trabalho, Palmer (1986) subdivide-a em dois tipos básicos, igualmente considerados como subjetivos e performativos: o primeiro tipo se trata do *diretivo*, quando o falante chama a atenção de alguém ou, simplesmente, tenta convencê-lo a fazer algo; e o segundo tipo, que ele classifica como sendo *comissivo*, que consiste em uma promessa ou ameaça feita pelo falante.

De acordo com Neves (1996), a modalidade deôntica relaciona-se à necessidade ou à possibilidade dos atos realizados por agentes que sejam moralmente responsáveis, implicando, dessa forma, numa espécie de controle humano intrínseco dos eventos. Ou seja, a modalidade deôntica apresenta um componente interpessoal, uma vez que leva o ouvinte a uma modificação da informação pragmática, no intuito de levá-lo a agir mediante o que fora proferido pelo falante.

Lyons (1977) aponta algumas características que seriam intrínsecas à modalidade deôntica: i) esse tipo de modalidade não descreveria um ato em si mesmo, mas um tipo de Estado de Coisa (EC) que será obtido num tempo futuro pelo ouvinte caso este realize o ato; e ii) por tratar-se de um ato que ainda será realizado, poder-se-ia relacionar a modalidade deôntica à noção de *futuridade*, já que não se pode impor um ato que foi realizado no passado. Explica ainda que há outras características próprias desse tipo de modalidade, seria o reconhecimento de uma *fonte*, que poderia ser uma pessoa ou uma instituição que instaura ou cria uma necessidade que recai sobre o *alvo deôntico*, pessoa ou instituição à qual está dirigido o valor deôntico instaurado.

Pessoa (2011, p. 94) discorre, em seu trabalho, que a instauração de valores deônticos por parte da fonte pode partir de princípios morais ou legais, mas também pode surgir a partir de uma compulsão interna. Isso faz com que levemos em consideração que a obrigatoriedade de uma determinada ação depende da cultura dos indivíduos também, e não apenas a questões puramente linguísticas, estando, pois, correlacionada a crenças instituídas e normas de conduta impostas pela própria comunidade linguística dos falantes.

3. METODOLOGIA

A análise da modalidade deôntica em língua espanhola se fez com base no *corpus* selecionado e constituído para descrever a língua em uso. O *corpus* por nós constituído foi montado a partir de textos escritos em língua espanhola (variedade peninsular), extraídos de dois jornais com difusão *on-line* na internet. A análise foi feita em um único tipo de gênero textual, tido como argumentativo, o *editorial*, a partir do qual foram coletadas as expressões típicas da modalidade deôntica.

Nossa pesquisa se inicia com a seleção de dos dois jornais divulgados *on-line*, a partir dos quais coletamos o nosso *corpus*: o Periódico I (doravante P1) e o Periódico II (doravante P2). Foram coletados 20 textos, com

aproximadamente 10.642 palavras. Para a análise do editorial, foram coletadas 5.353 palavras do P1 e 5.289 palavras do P2, como podemos ver no Quadro 1:

Quadro 1: Constituição do *corpus* em língua espanhola

Periódico	Editorial (no. de palavras)
P1	5.353
P2	5.289
Total por gênero textual (no. de palavras).	10.642

Em relação ao gênero que forma o *corpus*, destacamos o seguinte: tipo de gênero jornalístico que expressa à opinião oficial de uma determinada empresa diante dos fatos de maior repercussão na atualidade (MELO, 1985, p.79 *apud* PEREIRA e ROCHA, 2006, p. 57). Possui também a árdua tarefa de posicionar-se frente aos fatos do cotidiano, num espaço coberto de contradições e, ainda ter de conciliar os interesses dos diversos leitores (PEREIRA e ROCHA, 2006, p. 58). Vale ressaltar que o editorial tem o dever de aconselhar e direcionar as opiniões de seus leitores, pois não deve resguardar-se e nem mostrar de forma ambígua as suas ideias. Daí a necessidade de um texto bem redigido para que se consiga persuadir, interagir, ampliar, modificar ou substituir informações dos seus leitores conforme Beltrão (1980, p. 60 *apud* PEREIRA e ROCHA, 2006, p. 58).

Para a sociedade e as instituições jornalísticas, o editorial tem uma grande importância tendo em vista o papel que cumpre de dialogar com o Estado, servindo de um meio de diálogo com os "donos do poder" e não apenas um guia para o serviço público. (PEREIRA e ROCHA, 2006, p. 59).

Diante do exposto sobre o editorial, ressaltamos que este foi escolhido para nosso trabalho por se tratar de um tipo de texto argumentativo em que melhor pode servir à expressão da posição de um falante (escritor/empresa), propiciando, dessa forma, uma quantidade fecunda de modalizadores deônticos.

4. RESULTADOS: ANÁLISE DE DISCUSSÃO

O alvo deôntico, na maioria dos trabalhos voltados para o estudo da modalidade deôntica, apresenta-se de modo bipartido (indivíduo/instituição). No entanto, Pessoa (2007) faz uma divisão tripartida do alvo, dividindo-o em: instituição, indivíduo, não especificado. Essa proposta foi reformulada, posteriormente pela autora tendo em vista que os casos reais em que algumas ocorrências não se enquadravam. Assim, Pessoa (2011, p. 86), propôs uma nova categorização para o *alvo deôntico*: (i) enunciador (falante) (ii) domínio comum, (iii) coenunciador, (iv) terceira pessoa (instituição, indivíduo) e (v) não-especificado/terceiro ausente.

Com base nessa proposta, o alvo do valor deôntico instaurado pode ser o próprio enunciador; o domínio comum, quando se percebe a inclusão da comunidade na qual está inserido o leitor; o coenunciador, ou seja, o ouvinte

com quem o falante dialoga; um terceiro ausente, quando não se especifica o alvo, apenas a ação desejada, como nos casos de adjetivos em posição predicativa; e de terceira pessoa que pode ser classificado como indivíduo, quando a modalidade é instaurada sobre uma pessoa específica ou instituição, quando se instaura a modalidade sobre algum grupo ou empresa.

4.1. ALVO DEÔNTICO EM EDITORIAIS DIFUNDIDOS EM LÍNGUA ESPANHOLA

Com relação ao alvo deôntico no nosso *corpus*, verificamos a ocorrência de 72 casos assim distribuídos:

Tabela 01: Alvo deôntico em editoriais difundidos em língua espanhola

Alvo Deôntico	No.	%
Domínio Comum	26	36,1%
Instituição	21	29,2%
Indivíduo	12	16,7%
Terceiro ausente	12	16,7%
Coenunciador	01	1,3%
Total	72	100%

Das 72 ocorrências de modalizadores deônticos no gênero editorial, percebemos a ocorrência de 26 casos, o que representa 36,1% de alvo do tipo “domínio comum”, quando se percebe a inclusão da comunidade na qual está inserido o falante (PESSOA, 2011, p. 86). Nos textos do editorial, era esperado que o falante procurasse incluir a sociedade na qual está inserido ele e os seus ouvintes, como forma de promover o diálogo entre estes e o Estado, despertando o interesse da opinião pública (PEREIRA e ROCHA, 2006, p. 59). Vejamos:

(1) *La decisión de continuar o abandonar los estudios es difícil y **debe estar** muy meditada. (Editorial 01 – P2)*

(2) *La democracia en España solo **puede vehicularse** hoy incorporando el pluralismo, la pulsión de proximidad propia del autogobierno y el reparto de poder que posibilita su distribución territorial. (Editorial 02 – P1)*

Nos exemplos, temos dois casos de alvo deôntico do tipo “domínio comum”. Em (1), vemos que a obrigação instaurada, expressada pelo modalizador deôntico *deber+infinitivo*, recai, indiretamente, sobre os pais e os professores que devem ser cautelosos em decidir sobre o futuro estudantil dos jovens que decidem continuar competindo em olimpíadas esportivas. Em (2), vemos que a permissão instaurada, expressada pelo modalizador *poder+infinitivo+ "se"*, recai, indiretamente, sobre o sistema democrático vigente na Espanha, solicitando que o próprio governo espanhol trate de descentralizar o poder e o reparta entre as esferas que compõe o sistema democrático espanhol.

A segunda maior porcentagem de alvo deôntico foi à do tipo "instituição" com 21 casos (29,2%). Esse tipo de *alvo deôntico*, também era esperado, tendo em vista que o falante (autor do editorial) o faz pensando em despertar o interesse dos órgãos moralmente responsáveis chamando a sua atenção, de forma persuasiva, para os acontecimentos que lhe cabem. Dessa forma, o editorial seria um meio de diálogo com os "donos do poder" (PEREIRA e ROCHA, 2006, p. 59). Esse tipo de alvo deôntico se caracteriza por referir-se a terceira pessoa do discurso (PESSOA, 2011, p. 86). Vejamos:

(3) *Por eso ha sido adecuada la reacción templada del presidente del Gobierno, aunque **debe** en el futuro **evitar** dar alas a sus subordinados más fanáticos de la retórica neocentralizadora. (Editorial 02 – P1)*

(4) *La reforma se va a tramitar como proyecto de ley: por lo tanto, es la hora de los pactos en las instituciones, que **deben tener** en cuenta el malestar en las calles. (Editorial 07 – P1)*

Nos casos (3) e (4), vemos que o alvo deôntico é do tipo "instituição". Nesses casos o alvo deôntico recai sobre os órgãos aos quais cabe o papel de planejar, executar e fiscalizar ações em sociedade (PESSOA, 2011, p. 112). Em (3), a instituição sobre a qual recai a obrigação, expressada pelo modalizador deôntico *deber+infinitivo*, é o próprio governo espanhol (*presidente del Gobierno*), que deve evitar o crescimento de um discurso neocentralizador de seus aliados. Em (4), a instituição sobre a qual recai a obrigação, também expressada pelo modalizador deôntico *deber+infinitivo*, são as próprias instituições que compõem o governo, que devem considerar as manifestações que ocorrem nas ruas na hora de tomar decisões importantes do governo.

Em seguida temos os tipos de alvo "indivíduo", "terceiro ausente" e "coenunciador", que juntos somam 25 ocorrências, perfazendo 34,7%. Vejamos:

(5) *A partir de los 13 años, si de verdad el niño tiene talento deportivo, es probable que **tenga que dedicarse** a la disciplina elegida por completo, lo que implica abandonar los estudios. (Editorial 01 – P2)*

(6) ***No hay que temer** la apertura de las economías. España es el primer inversor en Argentina, y tiene mucho en juego allí desde que apostó por ese país. (Editorial 03 – P1)*

(7) *Ya que los 49 millones presupuestados para este año **deben compararse** con los 53,5 millones ejecutados en 2011. (Editorial 06 – P2)*

Nos casos citados, vemos que os alvos deônticos são, respectivamente, do tipo "indivíduo", "terceiro ausente" e "coenunciador". Em (5), o alvo deôntico recai sobre o jovem estudante esportista (indivíduo) que deve dedicar-se ao máximo à modalidade esportista escolhida, e sendo expresso pelo modalizador *tener+que+infinitivo* com valor deôntico de obrigação. Em (6), o

alvo deôntico não pode ser identificado (terceiro ausente), pois não há especificação explícita a quem está direcionado o alvo deôntico, o que é próprio do uso da construção. *Haber+que+infinitivo*, na terceira pessoa do singular, nesse caso o valor instaurado foi de “negação de obrigação”. Em (7), o alvo deôntico é do tipo “coenunciador” em que o editor do editorial “dialoga” com os seus leitores, ou seja, o alvo deôntico recai sobre ele e sobre o leitor ao mesmo tempo, julgando aquele que ambos compartilham da mesma ideia apresentada por ele mesmo no texto jornalístico. Nesse exemplo vemos que se instaura o valor deôntico também de obrigação, mas sendo expresso pelo modalizador *deber+infinitivo*.

Agora analisaremos o alvo deôntico em relação às formas de expressão que podem ser expressas quais sejam: auxiliar modal, adjetivo, verbo pleno ou substantivo.

4.2. ALVO DEÔNTICO EM RELAÇÃO ÀS FORMAS DE EXPRESSÃO

Ao relacionarmos o tipo de alvo com as formas de expressão da modalidade deôntica, no gênero editorial, constatamos que os auxiliares modais são mais utilizados pelos editores, conforme Tabela 02:

Tabela 02: Alvo deôntico em relação às formas de expressão

Formas de Expressão	Indivíduo	Instituição	Terceiro Ausente	Domínio Comum	Coenunciador	N.º	%
Auxiliar	10	18	09	25	01	63	87,5 %
Adjetivo	00	02	02	00	00	04	5,6 %
Substantivo	00	01	01	00	00	02	2,8 %
Verbo Pleno	02	00	00	01	00	03	4,1 %
Total	12	23	12	26	01	72	100 %

Como podemos ver na Tabela 02, houve uma maior ocorrência de casos entre a forma de expressão do tipo “auxiliar modal” (87,5%) em relação ao *alvo deôntico*. Enquanto que as outras formas de expressão juntas, “adjetivo”, “substantivo” e “verbo pleno”, perfizeram uma porcentagem de (12,5%). Isso mostra que os auxiliares modais são prototípicos para a marcação das noções semânticas da modalidade deôntica também em língua espanhola. Vejamos:

(8) *Las instituciones europeas **deben evitar** una penalización injustificada a la economía del país. (Editorial 01 – P1)*

(9) De ahí **la necesidad de** mantener los puentes abiertos entre el Gobierno, los partidos y los agentes sociales. (Editorial 07 – P1)

(10) Para eso **es necesario que** los sindicatos cumplan irreprochablemente su función. (Editorial 08 – P1)

(11) Cuando el socialista Jospin ganó las legislativas en 1997, **obligó a** revisar el Pacto de Estabilidad para añadir también el crecimiento, pero sin verdadero contenido. (Editorial 09 – P1)

Nas ocorrências que apresentamos, verificamos que as formas de expressão utilizadas, “auxiliar modal”, “adjetivo”, “substantivo” e “verbo pleno”, servem para instaurar o valor deôntico sobre o alvo, no intuito de estabelecer sutilmente ao leitor ideias críticas e informações, de maneira a estabelecer uma interação. Entre as expressões modais analisadas no editorial, destacamos a predominância dos auxiliares modais, usados em sua maioria para o estabelecimento de obrigações.

Nos exemplos, as formas de expressão utilizadas possuem um valor deôntico de obrigação em relação ao alvo. Em (8), o alvo deôntico é do tipo “instituição” e é instaurado por meio do auxiliar modal *deber+infinitivo*. Nesse caso, a obrigação recai sobre as instituições europeias. Em (9), o alvo deôntico é do tipo “terceiro ausente”, quando não se especifica o alvo, mas apenas a ação desejada, e é instaurado por meio de um substantivo *necesidad*, com valor deôntico de obrigatoriedade. Em (10), o alvo é do tipo “instituição” e é instaurado por meio de um adjetivo em posição predicativa *necesario*. Nesse caso a obrigação recai sobre os sindicatos para que cumpram com as suas obrigações perante os sindicalistas. Em (11), o alvo é instaurado por um verbo pleno *obligó*, e é do tipo “indivíduo”. Nesse exemplo, a obrigação recai sobre o socialista Jospin, por isso a classificação do alvo em “indivíduo”.

Percebemos que os auxiliares modais, forma mais utilizada para expressar a modalidade deôntica em editoriais, ocorrem em perífrases verbais, como por exemplo: “deber+infinitivo”, “tener+que+infinitivo” e “poder+infinitivo”. De acordo com a *Real Academia Española* (2010, p. 529), as perífrases verbais se denominam pelas combinações sintáticas em que um verbo auxiliar incide sobre um verbo auxiliado, principal ou pleno, construído de forma não pessoal, ou seja, verbos no infinitivo, gerúndio ou participípio.

Agora analisaremos o *alvo deôntico* em relação aos valores deônticos.

4.3. ALVO DEÔNTICO EM RELAÇÃO AO VALOR DEÔNTICO

Ao relacionarmos o tipo de alvo com os valores deônticos, no gênero editorial, constatamos que a obrigação é o valor mais instaurado como podemos ver na Tabela 03:

Tabela 03: Alvo deôntico em relação ao valor deôntico

Valor deôntico	Indivíduo	Instituição	Terceiro Ausente	Domínio Comum	Coenunciador	No.	%
Obrigação	06	19	11	10	01	47	65,3%

Permissão	04	00	00	12	00	16	22,2%
Negação de Permissão	02	02	00	03	00	07	9,8%
Negação de Obrigação	00	00	01	01	00	02	2,9%
Total	12	21	12	26	01	72	100%

Um ponto importante da análise da modalidade deôntica refere-se à relação existente entre o alvo deôntico e o valor deôntico instaurado. Como podemos ver na Tabela 03, houve uma maior ocorrência de alvo com valor deôntico de "obrigação" 65,3% casos, e em segundo, o valor deôntico de "permissão" com 22,2% casos.

O gênero editorial caracteriza-se como sendo um tipo de gênero textual jornalístico que expressa a "opinião oficial de uma empresa" sobre determinado fato ocorrido, fato este que pode requerer que determinada "instituição" ou "indivíduo" (alvo deôntico), moralmente responsável, esteja obrigado, devido às responsabilidades que lhe cabem, a responder, legalmente, sobre determinados assuntos. Dessa forma, entende-se o porquê de uma maior porcentagem de valor deôntico de "obrigação" em relação ao alvo:

(12) *Precisamente porque España tiene buenas razones para argumentar la flexibilidad que se solicitaba, **debería haber comprendido que otros tuviesen prioridades distintas.** (Editorial 10 – P1)*

(13) *El hecho es que la corrección al Gobierno de Rajoy se la proporciona una institución, el Eurogrupo, de la que la propia España forma parte. Nadie sensato **debiera ponerse** en la circunstancia de ir contra sí mismo. (Editorial 10 – P1)*

Nos exemplos anteriores, vemos que os alvos deônticos são, respectivamente, do tipo "instituição" e "domínio comum" e que ambos instauram um valor deôntico de obrigação. Em (12), o alvo deôntico é instaurado por meio do auxiliar modal *deber+infinitivo* conjugado na terceira pessoa do singular, do *condicional simple* (futuro do pretérito), para instaurar o valor deôntico de obrigação sobre o governo espanhol, representado pelo vocábulo *España*. Em (13), o alvo deôntico é instaurado pelo mesmo auxiliar modal, *deber+infinitivo+ "se"*, mas conjugado, nesse caso, no pretérito imperfeito do subjuntivo, para instaurar o valor deôntico de obrigação sobre a própria comunidade na qual está inserido o editor e os seus leitores (domínio comum).

Constatamos ainda que o valor deôntico de permissão seja o mais usado para instaurar "normas" ao alvo do tipo "domínio comum". Vejamos:

(14) Un artículo de revista, que se puedan leer de una sentada y que permitan a los periodistas, acostumbrados a entregar textos breves (Editorial 03 – P2)

Nas duas ocorrências acima, o alvo é do tipo “domínio comum” com valor deôntico de permissão. Em (14), o alvo deôntico é instaurado por meio do auxiliar modal *poder+infinitivo* para instaurar um valor de permissão, recaindo sobre a possibilidade de que os jornalistas possam ler artigos de revistas de forma rápida para agilizar a correção de seus trabalhos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da breve análise aqui exposta, constatamos que na modalidade deôntica, por embasar-se no meio pelo qual o editor transmite o seu discurso a fim de convencer aos seus leitores, busca instaurar, por meio das formas de expressão e dos valores deônticos, sobre o *alvo deôntico*, principalmente do tipo “domínio comum” (36,1%), um valor de obrigação (65,3%). Vale ressaltar que o alvo deôntico foi instaurado, majoritariamente, por meio dos modalizadores do tipo auxiliar modal, o que apresentou uma porcentagem de 87,5%, para assegurar a veracidade dos fatos apresentados, mostrando-os de maneira atualizada e enfática aos seus leitores. Nesses casos estudados o alvo deôntico recai sobre os órgãos, moralmente responsáveis, aos quais cabe o papel de planejar, executar e fiscalizar ações em sociedade como explica Pessoa (2011, p. 112).

Podemos concluir que o editorial, sendo um texto de caráter argumentativo, expressa a modalidade deôntica, principalmente, por meio de auxiliares modais que dão indício da «desejabilidade da ação» por parte de um agente modal. Vale ressaltar que o editorial reflete não, necessariamente, a exata opinião dos editores de uma empresa jornalística, mas a posição tomada pela organização empresarial. Assim, instaurar o valor prototípico da obrigação, por exemplo, para o leitor surtirá mais efeito que uma única pessoa fazendo o mesmo num artigo de opinião, por exemplo. Dessa forma, o editorial tem maior liberdade e, de certa forma, “poder” para a exposição mais aberta das ideias defendidas e para persuadir o leitor; e para isso não economiza a utilização de modalizadores deônticos, uma vez que a sua intenção persuasiva possui maiores vantagens em ser alcançada devido às características atribuídas ao gênero, como auxílio indispensável, é claro, dos modalizadores deônticos (LOPES, OLIVEIRA e PESSOA, 2013).

Assim, as expressões da modalidade deôntica se manifestam de acordo com as características do gênero textual, o editorial, que se trata de um tipo de gênero jornalístico que expressa à opinião oficial de uma determinada empresa diante dos fatos de maior repercussão na atualidade; possuindo, também, a árdua tarefa de posicionar-se frente aos fatos do cotidiano, num espaço coberto de contradições e, ainda ter de conciliar os interesses dos diversos leitores (PEREIRA e ROCHA, 2006, p. 58). Vale ressaltar que o editorial tem o dever de aconselhar e direcionar as opiniões de seus leitores, pois não deve resguardar-se e nem mostrar de forma ambígua as suas ideias, daí a necessidade de um texto bem redigido para que consiga persuadir, interagir, ampliar, modificar ou

substituir informações dos seus leitores conforme Beltrão (1980, p. 60 *apud* PEREIRA e ROCHA, 2006, p. 58).

REFERÊNCIAS

- GIVÓN, T. *Syntax*. An Introduction. Vol. 01. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2001.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1985.
- HENGEVELD, K. Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. *Journal of Semantics*. Vol. 06, 1998, p. 227-269.
- LOPES, F. S.; PESSOA, N. P.; OLIVEIRA, A. S. A expressão da modalidade deôntica em língua espanhola. *Revista do Curso de Letras da UNIABEU*. Nilópolis, v. 04, n. 02, Especial, 2013. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/844>.
- LYONS, J. Modality. In: *Semantics*. Vol. 02. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 787-849.
- LYONS, J. *Linguagem e Linguística*. Cambridge: Cambridge University Press, Inglaterra, 1981.
- MARTELOTTA, M. E (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- NEVES, M. H. M. A Modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org). *A Gramática do português falado*. Vol. VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP – FAPESP, 1996, p. 163-199.
- PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- PEREIRA, R.; ROCHA, T. *Discurso midiático: análise retórico-jornalística do gênero editorial*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-rose-mary-rocha-thais-discurso-midiatico.pdf>>. Acesso em: 06 de jul. 2012.
- PESSOA, N. P. *Modalidade deôntica e discurso midiático: uma análise baseada no discurso funcional*. 2011. 224f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2011.
- PESSOA, N. P. *Modalidade deôntica e persuasão no discurso publicitário*. 2007. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2007.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Nueva Gramática de la Lengua Española*. Espasa Libros: S. L., 2010.

ⁱ Por questões de conduta científica, os nomes dos jornais foram substituídos pelos códigos informados no corpo do texto. Além disso, vale mencionar que o foco desta pesquisa é descrever e analisar os modalizadores deônticos em língua espanhola e não relacionar o uso de tais elementos ao tipo de jornal, motivo por que aqui também não se explicitam os nomes dos periódicos.